

## O mal-estar no envelhecimento: sujeitos, *pathos* e as quatro estações\*

José Carlos Zeppellini Junior

*A população do nosso planeta está envelhecendo. Assim como em qualquer outra mudança, precisamos nos preparar, compreender e estabelecer formas de experienciar um mundo novo que vem se estruturando. Com o avanço da ciência médica e da tecnologia em geral, o Homem passou – ainda que de forma mais precária em países subdesenvolvidos – a contar com uma medicina capaz de favorecer o aumento na expectativa de vida. Contudo, devido a diversidade social e econômica que delimitam regiões por todo o globo, a qualidade do envelhecimento se constitui de forma peculiar em cada região estudada. Entretanto, as instituições culturais não se apresentam como as únicas entidades que influenciam no processo e na qualidade do envelhecimento das diversas populações. Torna-se necessário pensarmos nos processos psíquicos que fundamentam e articulam o espaço do idoso no campo inter e intrapsíquico. A velhice, na contemporaneidade, se configura como um estágio de declínio e invalidez; o que tolhe de forma bastante acentuada a expressão vital do idoso, nos colocando diante de uma “população jovem” extremamente angustiada com o próprio envelhecimento. Nos defrontamos, portanto, com o Pathos que proporciona a articulação de primitivos mecanismos de defesa, fantasias e desejos, tanto individuais como coletivos, que dão as cores e os contornos do campo de investimento que sustenta e inscreve a velhice na identidade subjetiva e na cultura de maneira geral.*

**Palavras-chave:** Envelhecimento, infância e *pathos*

\* Este trabalho foi realizado sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Ana Cecília Magtaz Scazufca, durante o processo de Especialização em Psicopatologia.

## Introdução

A população do nosso planeta está envelhecendo. Assim como em qualquer outra mudança, precisamos nos preparar, compreender e estabelecer formas de experienciar um mundo novo que vem se estruturando.

Com o avanço da ciência médica e da tecnologia em geral, o Homem passou – ainda que de forma mais precária em países subdesenvolvidos – a contar com uma medicina capaz de favorecer o aumento na expectativa de vida. Contudo, devido a diversidade social e econômica que delimitam regiões por todo o globo, a qualidade do envelhecimento se constitui de forma peculiar em cada região estudada.

No Brasil, até muito recentemente, o envelhecimento estava totalmente atrelado ao processo de descobrimento e desenvolvimento da Colônia. A invasão do território, o massacre da população indígena, a inserção do cristianismo e de novos elementos culturais na população nativa, bem como a cultura escravocrata, foram fatores que contribuíram para uma baixa expectativa de vida. Com o passar dos anos e com a própria independência, a entrada no processo de industrialização trouxe novos elementos de cuidado com a vida e, portanto, com o envelhecimento. Contudo, mergulhado no processo de globalização, até hoje o país encontra dificuldades de desenvolvimento – o que afeta diretamente a qualidade de vida de sua população.

Podemos levantar dados interessantes sobre o envelhecimento nos dias atuais. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, constatamos que:

Em 2020, os idosos chegarão a 25 milhões de pessoas – 15 milhões de mulheres – numa população de 219,1 milhões. Eles representarão 11,4% da população. Devido às sucessivas quedas das taxas de fecundidade e à diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas, estudos mostram que é irreversível o envelhecimento da população brasileira.<sup>1</sup>

O IBGE informa também que:

Em 2002, 43% dos idosos tinham rendimento familiar per capita inferior a um salário mínimo. Em números absolutos, 4.870.336 pessoas com 60 anos ou mais (30,4% do total de idosos) estavam ocupadas em 2002.<sup>2</sup>

Portanto, integrando as duas citações da pesquisa do IBGE, nos deparamos com uma realidade preocupante. A população está envelhecendo e com ela cresce a necessidade de se repensar o papel do idoso dentro da sociedade, tanto no que se refere a criação de políticas públicas quanto – se não o mais importante – no processo de retomada da valorização dos mais velhos.

Mudanças sociais desta magnitude percorrem diversos setores da experiência humana, e desta forma, torna-se cada vez mais necessária a participação social no processo de estabelecimento desta nova rede de relações. Iremos nos deparar, cada vez mais, com famílias que precisarão encontrar modos de cuidar de seus idosos; com debates sobre políticas de previdência social com o intuito de que se ajustem ao crescimento, tanto em número quanto em duração, dos idosos no país; com a falta de emprego e de estímulo social aos membros da terceira idade e etc.

Na medida em que buscamos novos valores que passem a integrar nossa conduta de relacionamentos interpessoais, caminhamos em direção a constituição de um ambiente mais acolhedor e receptivo. Ambiente este, que quando suficientemente bom, está diretamente ligado ao bem estar de sua população, aliviando não só o sistema público de saúde, mas também dando consistência ao processo de identidade e dignidade de seu povo.

Torna-se, desta forma, de fundamental importância compreender os processos psíquicos que permeiam o envelhecimento humano, assim como investigar e conhecer os movimentos sócio-culturais que dão cor ao processo subjetivo de viver a terceira idade.

1. Comunicação Social do IBGE de 13 de abril de 2004.

2. Idem.

A intenção deste artigo é, portanto, apresentar algumas questões pertinentes ao processo de envelhecimento, tanto do ponto de vista social quanto individual.

### **Preconceitos e estereótipos que encobrem vidas**

A idéia de que, o sujeito se constitui como um ser social a partir de um enlace afetivo proveniente do meio no qual está inserido, não é nova. Freud pesquisou e escreveu sobre os primeiros investimentos por parte do mundo externo e que tinham a criança como alvo. Desenvolveu toda uma metapsicologia que expressava suas idéias com relação ao desenvolvimento da personalidade humana. Em 1914, publicou um texto denominado: “Para Introduzir o Narcisismo”. Iluminou-se, portanto, toda uma série de movimentos subjetivos que correspondiam ao percurso de unificação e integração do Eu do bebê.

A criança seria alvo dos próprios investimentos, bem como do dos pais, e a partir de tais vivências, caminharia em direção ao reconhecimento de uma realidade externa a ela, e de sua própria existência em mundo compartilhado (Freud, 1914).

O narcisismo, em toda sua complexidade teórica, torna-se elemento fundamental no processo de identidade dos sujeitos no mundo. É a partir dos investimentos externos e internos que o Eu se estrutura, se integra, e passa a se relacionar com um meio ambiente vasto que constitui o campo das relações interpessoais.

Ao pensarmos que o Eu do bebê se integra a partir destes investimentos, que têm origem tanto no próprio id como também nos cuidados paternos, constatamos que uma parte importante de nossa identidade se constitui a partir do olhar do outro. Outro este, que também teve sua personalidade regada através dos investimento de seus pais, que anteriormente receberam de outros e assim por diante. Temos, desta forma, uma identidade que também é histórica – passada através de investimentos, de geração à geração.

Assim sendo, a criança, por não ter um Eu suficientemente estruturado e desenvolvido, navega por um campo subjetivo que é composto por todo o ambiente que a cerca e que paradoxalmente é compreendido por ela como sua própria criação. Com o passar do tempo, com a continuidade dos cuidados e com a gradual evolução, a criança rumo ao discernimento daquilo que se define como o próprio Eu e daquilo que lhe é externo.

A criança, portanto, vivência uma existência mágica que ganha corpo através da idealização dos pais sobre si. Esse mundo fantástico que se apresenta é extremamente rico e é fundamental porque permite ao sujeito a sensação de que lhe é possível alçar vôo e conquistar os objetivos atuais e futuros.

É de fundamental importância atentarmos ao fato de que estamos, desde o início de nosso crescimento, sendo afetados pelo ambiente que nos cerca. Desconsiderar os estímulos externos ao Eu e seu papel como semente no processo de subjetivação e singularização, seria eliminar uma fonte extremamente importante de investimento que manterá influência durante toda a vida dos sujeitos.

Fica evidente, portanto, que a vida de quem nos cerca, e suas experiências, são fatores importantes no processo de desenvolvimento da identidade pessoal. A dedicação, o investimento e o respeito frente ao germinar de um sujeito que, mesmo inserido em um ambiente colorido pelas histórias e experiências dos pais, se agarra à potencialidade de sua própria vida para trazer algo de novo e criativo ao mundo do qual emerge.

A textura da relação entre a mãe e o bebê – quando suficientemente boa – proporciona um ambiente que valoriza e fortalece o potencial criativo da criança. Esse ambiente sustenta suas fantasias, sua onipotência e seus desejos. Esse ambiente vai, progressivamente, sendo tocado pelos objetos externos e se apresentando não mais como um produto do bebê, mas como um plano onde seus desejos podem ser inscritos e sua criatividade posta em prática frente as exigências sociais.

O mergulho dentro deste campo potencialmente rico, através do qual a criança passa a se identificar como participante da vida e do mundo, resulta na capacidade de sobreviver a realidade que, posteriormente, se apresenta como obstáculo às realizações imediatistas e egoístas (não no sentido pejorativo) do sujeito. Ele passa, então, a fazer parte de um grupo social permeado por leis e impedimentos com os quais terá que lidar, mas manterá em sua essência a confiança inicial de que pode transitar pelas estradas da vida rumo as realizações pessoais.

Em contrapartida, nos defrontamos, também, com investimentos que aprisionam e enfraquecem o potencial criativo e a identidade dos sujeitos. Adjetivos, diagnósticos e títulos podem funcionar como jaulas que inibem e aprisionam o sujeito em desenvolvimento.

Hoje em dia, no processo contemporâneo de aquisição de identidade e desenvolvimento social, nos deparamos com diversos rótulos que definem a posição e o valor, tanto de sujeitos como de regiões diversas do globo. Crianças, adolescentes, adultos e idosos passam a viver trancafiados dentro de conceitos que exprimem suas identidades e seus valores perante a sociedade e perante si próprios.

Esse enjaulamento, que ganha suporte a partir da cultura, define leis de existência e de bom convívio, traçando desta forma, padrões que definem identidades e fragmentam possibilidades de inovação.

A aposentadoria, por exemplo, é uma ferramenta sociopolítica que insere o idoso em um grupo muito específico. Ela, ao invés de representar a gratidão do Estado diante dos anos de trabalho e produção, veste o sujeito com trajes de invalidez e o nomeia como parasita do dinheiro público.

As portas do mercado de trabalho se fecham, os filhos, agora casados, saem de casa para constituir as próprias famílias, e ao idoso sobra o trânsito em um ambiente oposto ao do narcisismo primário. Fundamenta-se um campo no qual os obstáculos à manutenção da vida se intensificam; as barreiras aumentam em altura e ganham espinhos. Se instaura, então, a política do abandono.

Salgado (1982) articula pontos interessantes ao se debruçar sob a “teoria do desengajamento”; que consiste na idéia de re-ocupação dos espaços sociais. O idoso passaria a ser reconhecido como incapaz de continuar realizando suas atividades sociais em decorrência de suas limitações físicas e mentais, obrigando-o a ceder seu lugar à alguém mais jovem. Pensa-se, portanto, que seria menos penoso à sociedade – tanto afetiva quanto economicamente – a perda de um membro já desengajado, na medida em que seu lugar já foi ocupado por outro. A aposentadoria, desta forma, se apresenta como um recurso sociopolítico que matricula o idoso nesta nova etapa da vida; a de um ser desengajado de seu grupo.

O bebê, quando inserido em um ambiente que não contenha sua fragilidade psíquica e física, interrompe seu desenvolvimento saudável e desenvolve mecanismos de defesa que o proteja do abandono. De que forma, portanto, o idoso se organiza para sobreviver ao abandono? Como, desengajado da sociedade, continuar vivo?

Em pesquisa realizada pela Rede Internacional de Prevenção à Violência Contra os Idosos (Inpea), as maiores reclamações são dirigidas à área do transporte público. A partir do momento em que se está desengajado, como se sentir seguro para subir em um ônibus que não espera o embarque seguro para partir em alta velocidade? Como preparar as pernas, já não tão ágeis, para atravessar as ruas de uma grande metrópole, quando o descaso e a pressa dos semáforos são fontes de medo?

### **Crescendo, vivendo e se movimentando através das fases da vida**

Deixar de ser criança e se tornar um adolescente não é fácil. Tornar-se adulto também não. Nem tampouco adentrar a terceira idade e se reconhecer e ser reconhecido como idoso. O passar dos anos se apresenta não só através do ciclo das quatro estações, mas também através dos papéis sociais pelos quais passa o sujeito que vive o tempo.

Crescer, amadurecer e envelhecer são trabalhos psíquicos, que afetam não só o sujeito, mas também todo o ambiente do qual ele faz parte. Após a vivência do Narcisismo Primário, da passagem para o Narcisismo Secundário e do compartilhar o mundo com objetos externos, a criança se defronta com o passar do tempo e a repercussão deste em seu corpo.

A criança é invadida pelo cronos, que lhe traz modificações biológicas contra as quais pouco pode lutar. Sua estatura aumenta, o tom de sua voz se modifica, a produção hormonal e os órgãos sexuais passam a permitir a procriação e a possibilidade concreta de dar vida à uma criança.

As relações sociais se modificam. O olhar do outro não mais o identifica como criança, mas já cobra responsabilidades, apresenta direitos e deveres à alguém que vai remodelando sua participação no movimento coletivo do mundo.

O corpo infantil se despede através do reflexo no espelho e já apresenta a angústia de um novo papel frente a si mesmo, à família e à sociedade. O sujeito, meio criança e meio adolescente, tem que se haver com essa passagem de fase. Ele necessita, contudo, de tempo, de continência e liberdade.

Há que se permitir o luto do corpo infantil, da identidade infantil e da representação dos pais infantis. Há que se permitir a elaboração dessas experiências e a exteriorização delas no mundo. Torna-se necessário respeitar o sujeito em sua caminhada, que se defronta com as angústias do deixar para trás elementos de sua identidade, para então lapidá-la em sua nova condição.

Este processo, contudo, não se passa apenas dentro do sujeito que recebe o carinho do tempo. O trabalho de passagem por entre as fases da vida passa também, pelos lutos e pelos olhares daqueles que respaldam a sua identidade.

Aberastury cita que:

Ocorre que também os pais vivem os lutos pelos filhos, precisam fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil. Agora são julgados por seus filhos, e a rebeldia e o enfrentamento são mais dolorosos se o adulto não tem conscientes os seus problemas frente ao adolescente. (...) Também os pais têm que se desprender do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que impõe muitas renúncias de sua parte. (1985, p. 15)

Desta forma, fica claro que a constatação do envelhecimento do outro, não só exige que mudemos nossa atitude frente à ele, mas também nos aponta nosso próprio envelhecimento – e reforça a necessidade de nos orientarmos no tempo e no espaço para expressarmos nossa identidade de forma sincera e criativa. Estamos inseridos no tempo que permite o aprendizado, por parte do bebê, das primeiras palavras e dos primeiros passos. Que permite à criança chegar ao primeiro dia de aula, a ter o primeiro namoro, o primeiro carro, o primeiro filho,

o primeiro neto... Estamos inseridos nesta passagem de tempo, e, desta forma, temos que nos haver com as angústias que emergem da noção de estarmos caminhando na estrada finita da vida.

Ao negarmos o tempo que se apresenta nas fotografias de nossa vida, dificultamos a existência saudável do outro, que é afetado por nosso olhar, e nos tornamos mais secos e menos criativos frente a nossa própria identidade e participação no mundo.

Hoje em dia, submersos em um processo de globalização onde a ordem é ditada por um capitalismo unilateralista e violento, procuramos nos proteger e garantir nossos lugares, agarrando um ideal estético e econômico de massa. Ser jovem, economicamente ativo e cheio de energia para pertencer ao grupo que gera lucro, seria a saída perfeita para adiar, ao máximo, o desengajamento decorrente do envelhecimento.

Desta forma, estamos inseridos e participando de uma cultura que atrofia a capacidade de mantermos um olhar que se caracterize pela aceitação e continência de uma pluralidade. Um olhar que torne possível encontrar qualidades nas diferenças humanas, nas diferentes fases do desenvolvimento e que não fique aprisionado em um ideal de uma falsa juventude como única fonte de inspiração do mundo.

Da mesma forma que os investimentos narcísicos proporcionam a moldura da personalidade, e porque não, o próprio potencial de desenvolvimento da criança, os investimentos de inclusão e exclusão social geram movimentos violentos no processo de existência singular do sujeito.

No calendário atual, há uma pressa em trazer aquele ou aquela pessoa para dentro do campo dos “socialmente valorizados” e de mantê-los lá o maior tempo possível. Esse movimento de massificar indivíduos dentro de um grupo definido como economicamente ativo e potencialmente apto a gastos, influencia diretamente no processo de luto pelo qual passa todo e qualquer sujeito que, inserido no tempo e no espaço, caminha em direção a fases diferentes do desenvolvimento humano.

Acelera-se a infância, investe-se no adolescente consumista, no jovem-adulto com disposição para pagar por seus desejos e evita-se a todo custo a entrada no grupo dos idosos.

Nota-se que a infância perde, a cada geração, meses de duração. Cada vez mais cedo, meninas e meninos se vêem diante da necessidade de elaborar os lutos típicos do processo de envelhecimento e assumir novas responsabilidades. Tons de voz, formas corporais e identidades sociais invadem cada vez mais precocemente o universo infantil, inscrevendo a passagem do tempo no corpo e exigindo elaborações psíquicas extremamente importantes para o processo de evolução pessoal e coletivo.



No universo infantil os brinquedos não mais necessitam da criatividade se abastecerem. Um número cada vez maior de pilhas e controles remotos se espalham pelo chão da sala. Hoje em dia, o “brinquedo” não precisa mais participar dos jogos infantis para ganhar vida; basta esquecê-lo em um canto da casa que ele continuará piscando, rodando, acendendo e emitindo os mais variados sons até que a bateria se esgote.

Há, neste ponto, que se pensar de maneira muito próxima a questão do ambiente infantil e do ambiente “senil”, e de que forma os movimentos socioculturais e políticos sustentam, ou não, as demandas das crianças e dos velhos.

Poderíamos pensar em um movimento semelhante ao do desengajamento, direcionado ao infantil? Estaríamos diante de um processo de “engajamento violento”, que introduz no universo infantil a demanda de amadurecimento veloz, negando à criança o espaço lúdico no qual se apresenta como estrangeira à sexualidade genital e ao consumismo desenfreado?

O “senil” também se apresenta como estrangeiro. O velho escancara para o social a sua luta para sobreviver diante do eu ideal e do ideal de eu. O idoso mostra à criança que a maquiagem que fantasia o mundo dos adultos, escorre com o tempo. São estrangeiros, que migram e emigram de países e em momentos diferentes; mas que delatam os conflitos que envolvem o sujeito diante da construção de sua identidade singular e das exigências do eu ideal social.

### **Espelhos que se quebram**

Cada vez mais empresas voltam suas atenções em direção a criação de produtos ou idéias que conservem os sujeitos com seus status de “jovens”. Movimentos mercadológicos ditam as regras e os rumos daquilo que tem e daquilo que não tem espaço. Desta forma, um sujeito que deixa de fazer parte deste foco de atenção do consumo, deixa aos poucos de encontrar seu espaço social.

A explosão das plásticas, dos peelings, do botox, das clínicas de estética – a indústria que oferece o prazer da juventude aparente à aqueles cuja idade se impõe em traços, deflagram cada vez mais, sujeitos incapazes de envelhecer. Não há dignidade na terceira idade. O sujeito pós-moderno apresenta terror frente a fragilidade biológica do idoso (que é intensificada pela exclusão social), não conseguindo encontrar um lugar de existência para estes.

Segundo Kahn Marin (2002), estamos vivendo a era do narcisismo; a era da valorização exacerbada das aparências e do ideal consumista associado ao poder.

A era do encurtamento do tempo, da hipervalorização dos bens de consumo e da busca por substâncias que eliminem o sofrimento. Substâncias que amenizem o *Pathos* – que é expressão da vida.

Os olhos fogem das rugas, os cremes escondem as marquinhas do tempo que colore as mãos... A pele esticada se coloca como amortecedor da dor proveniente da finitude, os psicofármacos se apresentam como proposta de paz ao psíquico que teima em sofrer e denunciar angústia diante de pontos que recusam o status de “escondido”.

O espelho, que outrora fora ferramenta mágica dos olhos materno, é sentido como ameaça. A imagem refletida, tão importante na construção e integração do eu, agora assusta Eros e clama por retoques. O reflexo que se apresenta do outro lado é estranho, é estrangeiro, é teimoso e assustador.

O espelho diz para a Bruxa que existe alguém mais bela do que ela. O espelho diz que as mudanças que se inscrevem no corpo do idoso são ameaças ao seu posto de gente no mundo. Traços que antes eram valorizados, declinam diante da impossibilidade de valorização de uma outra condição temporal. O ambiente recusa que Eros viva na terceira idade.

A teoria do desengajamento bate à porta e invade as roupas, invade o sono, invade o sorriso estridente dos vizinhos e o descaso dos apressados. Eros é expulso pelo olhar do outro, e, talvez o mais importante, pelas cobranças de um eu ideal que não foi lapidado e elaborado com ajuda de experiências que habitam o tempo.

A “Era do Narcisismo” se opõe à constatação do finito e, desta forma, recusa espaço à vida dos de idade mais aparente. Podemos pensar, portanto, na idéia de uma violência cotidiana que busca eliminar aqueles que contradizem o ideal de imortalidade. Contudo, torna-se imprescindível que nos perguntemos: a que custo?

Por que tratamos o senil como final antecipado? Por que recusamos a idéia de que o fim pode cruzar a linha da vida em outros momentos que não apenas na “terceira idade”? Por que cobrimos de preto uma fase da vida que pode ser recheada de prazeres e novas descobertas?

Na medida em que se instaura a possibilidade psíquica de sustentar o *Pathos* como pincel da vida, tornamo-nos aptos ao processo de “recolhimento dos cacos do espelho” e, com ajuda de Eros, remodelar e atualizar o eu ideal e o ideal de eu, na busca por qualidade de vida na velhice.

Essa possibilidade de sustentar o *Pathos* como experiência se coloca, portanto, como questão fundamental no encontro com Cronos. Desta forma, nos deparamos com a necessidade de encontrar espaços na contra-mão do trânsito pós-moderno e, ao invés de recusarmos a subjetividade e o sofrimento que dela advém, mergulhar na vida de representações e afetos como fontes de experiência.

## **Narcisismo Primário e Narcisismo Social**

Como já foi citado anteriormente, é através dos movimentos psíquicos que definem o narcisismo primário que o sujeito se encontra consigo. Eros se apresenta como força integradora através das experiências de maternagem e, no desenrolar destes encontros e desencontros, o sujeito se depara com as angústias provenientes do mundo interno e externo. Se depara com a presença sempre entrelaçada de vida e morte (Eros e Tântatos).

Os investimentos, projeções e fixações libidinais se tornam os tijolos que fundamentam os muros divisores das mais diversas fases da vida. Desta forma, torna-se possível a regionalização dos investimentos individuais e grupais, que passam a dar valor à criança, ao jovem, ao adulto e ao idoso.

Os investimentos sociais vão formando campos de reconhecimento que se dão a partir dos mais variados pontos biológicos, familiares, financeiros e de toda e qualquer outra produção cultural e evolucionista que possa adjetivar e classificar sujeitos.

Uma das peculiaridades que fundamentam o campo da velhice é seu status, por mais paradoxal que possa parecer, de “novo”. O processo de reconhecimento do “senil” como adjetivo ativo e participante das redes sociais é algo recente, tanto no Brasil quanto no mundo.

Esse campo nasce por conta do crescente aumento na expectativa de vida; que se dá em virtude dos avanços médicos, tecnológicos e de todos os outros campos da rede social. É, portanto, contemporâneo lidar com um número cada vez maior de pessoas acima dos 60 anos. Um bom exemplo deste caráter de atualidade pode ser reconhecido através do crescimento considerável da gerontologia e da geriatria como fontes de conhecimento e pesquisa. Outro exemplo interessante está no próprio código civil brasileiro, no qual a inserção do Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741) se deu em outubro de 2003. Deparamo-nos, desta forma, com a constituição de um campo de relações sociais que engatinha e vivencia as angústias, as frustrações, fantasias e conquistas típicas de um processo de construção. Torna-se, portanto, totalmente plausível e compreensível que a sociedade “jovem” sinta-se mergulhada em intensos conflitos ambivalentes diante da identidade senil.

Como reflexo destas fantasias ambivalentes, o idoso passou a ser o representante da fragilidade, da incapacidade e, talvez o mais importante, de vizinho próximo da morte. A idéia do idoso como alguém que está mais próximo do fim do que os outros é extremamente importante. Esta “moradia” desagradável pode ser concebida como um dos fatores que dificultam a percepção e a aceitação do idoso como um sujeito desejante, sexual e apto a realizar novos investimentos.

O interessante é que, ao carregar esse rótulo de proximidade com a morte, o idoso realiza uma função importante à todos os outros grupos que constituem a sociedade. Os outros campos sociais podem, portanto, se livrar desta condição de portador da finitude e projetar, nos velhos, as fantasias e os temores relacionados ao caráter finito do ser humano. Instaure-se uma idéia de imortalidade nos adolescentes e nos jovens adultos. Brilha uma certa mágica, de uma certa irresponsabilidade charmosa, que envolve as experiências e que se traduz no comportamento dos jovens.

O efeito colateral desta cadeia de investimentos e identificações produz, contudo, o deslocamento e a condensação de temores e fantasias várias que se ligam ao rótulo: velho.

O enigma que se apresenta, tanto na esfera social quanto clínica, nos coloca diante da necessidade de pensarmos o desenvolvimento de uma via contrária à “mortificação” do idoso. Faz-se necessário o investimento criativo na tentativa de estabelecer um lugar ao idoso que lhe permita ser aceito e que lhe forneça espaço potencial para a expressão e o desenvolvimento de sua plasticidade psíquica. Desta forma poderemos nos esforçar para conseguir abrir as portas a Eros, para que este possa, novamente, reatar a parceria com o até então solitário Tântatos envelhecido.

## Referências

- ABERASTURY, Arminda. *Adolescência normal*. São Paulo: Artes Médicas, 1985.
- BERLINCK, Manoel. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- COMUNICAÇÃO Social do IBGE de 13 de abril de 2004.
- FREUD, Sigmund. Para introduzir o narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974; Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- KHAN Marin, Isabel da Silva. *Violências*. São Paulo: Escuta, 2002.
- OLIVEIRA, André. *Estatuto do idoso – Comentado e completo*. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2004.
- PAULA Soares, Flávia Maria de. *Envelhescência e pathos – O lugar simbólico das psicopatologias na velhice*. São Paulo: DM, 2004.
- SALGADO, Marcelo. *Velhice, uma nova questão social*. São Paulo: SESC-CETI, 1982.

## Resumo

*The population of our world is growing old. As every other important change in our lives, we need to become prepared to understand and to establish some new ways to experience a completely new world that is rising. With the development of the medical science and the technology in general, the human being – with some quantitative and qualitative differences between developed and under development countries - is getting able to count with techniques to raise his survival. Although, the quality of the process of growing old is directly associated with the social and economical characteristics of the region that we are studying. The culture is not the only factor that influences the process of growing old in the different regions. The psychological processes are extremely fundamentals in order to build an space where is possible to become older. The oldness became configured as a stage of declivity an invalidly. These characteristics make the youth population scared and shows the rejection of the signs of the time. The fear, the pain and the anxiety that comes from the idea of oldness, brings some peculiar and important defense mechanisms, fantasies and wishes, collective and individuals, that paints the field of the oldness in our culture and in our imagination.*

**Key words:** Oldness, childhood and pathos